

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
A Tarde		
Data		
12/04/98		
Código		
1- 14		
Seção		
Assunto		
Centro Histórico moradores		

Prevista para este semestre a restauração da 28 de Setembro

Bernardo de Menezes

As obras de restauração do casario da Rua 28 de Setembro, esperadas ainda para este semestre, sinalizam não só o resgate da valorização daquele espaço, mas também a extinção de um dos mais conhecidos pontos de tráfico de drogas da cidade. Localizada entre a Baixa dos Sapateiros e as proximidades do Viaduto da Sé, esta rua atingiu um estágio de degradação arquitetônica e social sem precedentes, num claro contraste com outros bairros do Centro Histórico, já revitalizados ou em fase de revitalização, dentro de um trabalho iniciado há seis anos. Há cerca de uma semana, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac) recebeu propostas de participantes da licitação das obras, processo que deve durar 30 dias.

Se tudo correr como previsto, brevemente começará a 7ª etapa

da reforma de 122 imóveis em oito quarteirões (além de outros dois prédios isolados) e que inclui o casario da 28 de Setembro. Segundo o gerente de Restauração de Bens de Cultura do Ipac, João César Ribeiro, já começou a remoção gradativa dos ocupantes dos casarões. Uma tarefa social extremamente difícil, diga-se de passagem, mas imprescindível. Todos foram cadastrados e já começaram a ser pagas as primeiras indenizações. Nas últimas décadas, o Centro Histórico experimentou violenta degradação, tornando-se reducto de moradia barata (e até gratuita), fazendo uma comunidade marginalizada se solidificar na área e resistir às propostas de transferência, nem sempre vantajosas.

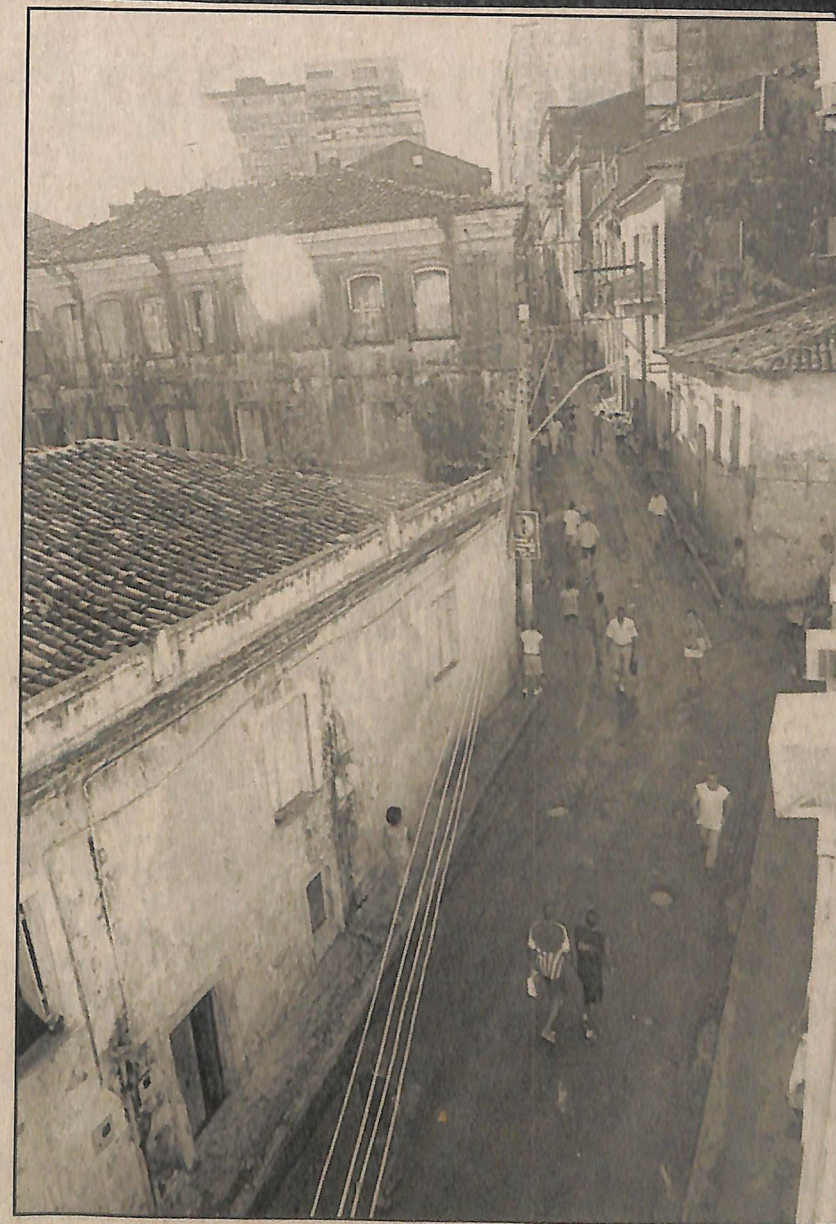
Transferência do Ipac

Na Rua 28 de Setembro e transversais há terrenos baldios, é pre-

cário o saneamento básico, há imóveis arruinados ou em fase de arruinamento que apresentam sérios riscos à segurança dos moradores. Próximo à esquina com a Baixa dos Sapateiros funciona a Secretaria Municipal de Serviços Públicos (Sesp), cujos funcionários, há muito, não estão satisfeitos com a vizinhança que têm. O projeto da 7ª etapa de recuperação prevê a transferência para aquela área de todas as unidades do Ipac, que ocuparão os prédios nºs 8 e 15 da Rua 28 de Setembro, além dos imóveis nºs 25, 31, 33 e 35 da vizinha Rua Saldanha da Gama. Através de um contrato separado, o prédio que abrigará a sede do instituto já entrou, inclusive, em obras. A transferência de parte dos moradores já reduz na 28 de Setembro o índice de tráfico, inclusive do nocivo crack.

Mas isso não quer dizer que a situação no local esteja menos preocupante nem que a polícia tenha menos trabalho agora. Segundo a plantonista da Delegacia de Tóxicos e Etorpecentes (DTE), Nathalie Cambuy, a saída de alguns ex-ocupantes resultou na transferência da venda de drogas para outras regiões como o bairro da Saúde, a invasão do Péla Porco (atrás da Ebal das Sete Portas), a área da Ladeira da Preguiça e o Dique Pequeno, agrupamento de casas localizadas defronte ao Estádio da Fonte Nova, ao lado da pista que liga o Dique do Tororó à Avenida Bonocô. Constata-se mais uma vez que o poder público revitaliza espaços degradados, mas não soluciona o sério problema da marginalização, que exige ações mais profundas e de resultados em maior prazo.

Foto: Shirley Stolze



Os casarões centenários da 28 de Setembro exigem uma ação imediata

Indenização revolta os moradores

Muitos moradores da Rua 28 de Setembro, no Centro Histórico, estão revoltados com os valores da indenização que terão a receber para deixarem o local, que será revitalizado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac).

mora é um retrato das péssimas condições em que os demais imóveis da rua se encontram. "Só tem paredes. Moro praticamente na rua, pois quando chove, molha tudo", diz Sulamita de Jesus Santos, uma das 100





Os casarões centenários da Rua 28 de Setembro exigem uma ação imediata

Indenização revolta os moradores

Muitos moradores da Rua 28 de Setembro, no Centro Histórico, estão revoltados com os valores da indenização que terão a receber para deixarem o local, que será revitalizado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). Ninguém contesta a degradação da área e a necessidade de recuperação. “Mas o que não pode é nos dar uma indenização que não compensa”, disse a moradora Vera Lúcia dos Santos, que reside na casa nº 17 há mais de 20 anos e vai receber R\$ 1,5 mil, resumindo uma queixa geral dos entrevistados.

Desde 1959, o morador Francisco Paulo dos Santos mora também na rua, onde montou uma espécie de “armazém de sucata”, no térreo do imóvel nº 10. Já sabe que vai receber para deixar o local R\$ 4 mil. O que não sabe é o que irá fazer com o dinheiro. “Não dá para abrir outro negócio”, lastima, embora reconheça que a rua vive momentos de decadência. Oswaldo Silva da Prata reside na casa nº 18 da rua Saldanha da Gama, que também será evacuada. Trata-se de um prédio que está em péssimas condições. “O problema é que não tenho onde morar com meus três filhos”, diz Oswaldo, que reside ali há 9 anos.

O prédio onde Oswaldo Prata

mora é um retrato das péssimas condições em que os demais imóveis da rua se encontram. “Só tem paredes. Moro praticamente na rua, pois quando chove, molha tudo”, diz Sulamita de Jesus Santos, uma das 100 pessoas que vivem no cortiço. Um morador disse que o processo de deterioração dos imóveis foi lento e culpa o governo. “Só agora, quando tudo está perdido, é que encontraram a solução, que mais parece a Fórmula Final, usada contra os judeus, na 2ª Guerra Mundial. Ou seja: vocês agora vão embora, sem direito a morar em um lugar decente”, declarou, omitindo seu nome e dizendo-se “perseguido pela polícia”.

Aliás, o medo da polícia vive em muitos moradores da rua. Existem marginais na área. Mas a ação policial é muito criticada. “Qualquer coisa que acontece na cidade, a polícia vem aqui e bate muito na gente”, disse uma moradora. Ela contou que, na semana passada, sua filha, vendedora de fitas K7, foi “esmurada” por policiais durante uma batida na área. As condições higiênicas na áreas são subumanas. “Os ratos vivem com a gente”, disse um morador, que vai receber R\$ 1,5 mil de indenização para deixar a sala em que mora, na Rua 28 de Setembro, desde que nasceu, há 27 anos.

A rua já foi um dos pontos mais movimentados e festejados da cidade. Hoje vive em total decadência e freqüentada por uma população de excluídos